



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1960.

NO ATO INAUGURAL DO MUSEU DA REPÚBLICA, INSTALADO NO PALÁCIO DO CATETE, ANTIGA SEDE DO GOVERNO FEDERAL.

1175 Esta cerimônia reveste-se de um significado de alta importância. Inauguramos no dia de hoje, neste Palácio do Catete, durante tantos anos sede do Governo, um museu de nossa história republicana. Destino melhor não poderia ser dado a esta casa onde se desenvolveram acontecimentos decisivos para a vida de nosso país; onde foram vividos episódios os mais importantes, alguns jubilosos e festivos, outros impregnados de tamanha força trágica, que nêles se poderia inspirar até o próprio gênio shakespeariano. Tão grande e tão importante, tão simbolicamente representativo da nossa própria instituição vigente se tornou este Palácio que, mudada a Capital em obediência a uma disposição constitucional e às exigências do novo Brasil, não me foi possível dar outro destino a esta nobre mansão. Há sítios que deixam de pertencer ao momento que passa para pertencerem à própria história, para se integrarem no patrimônio da nacionalidade.

1176 Esta casa, inaugurada pelo mais que ilustre Presidente Prudente de Moraes, em dias difíceis, quando então se procurava consolidar o regime, fui o último a ocupá-la, e hoje me cabe a comovente honra de a transformar em monumento dedicado aos fastos republicanos.

Aqui, rapazinho, vindo da minha província em 1923, telegrafista e estudante em visita à Capital Federal, algumas vezes me detive, e com respeito me voltava em pensamento para as vigílias cívicas que nela se realizaram, para as horas em que se encarnava no Chefe da Nação a grave necessidade de tomar um caminho, de escolher uma posição, de interpretar o que melhor convinha fazer-se no interesse nacional. Por essa época, nem sequer roçava pela minha imaginação fantástica a idéia de que pudesse o meu nome humilde figurar algum dia na galeria dos que governaram a República. Julgava eu, com as ilusões da juventude, a satisfação, a glória, as horas de excepcional ventura que os presidentes desfrutavam. Mal sabia que, na realidade, havia muito mais preocupações e sofrimentos do que motivos de júbilo ou de felicidade. Assim é que, passante anônimo na sua humilde juventude, vendo algumas luzes acesas, o rapazinho provinciano estava longe de cogitar que, nesse ano do meu primeiro e deslumbrado contacto com o antigo Distrito Federal, o Presidente Bernardes talvez estivesse vivendo um daqueles instantes de ansiosa expectativa em que o poder se transforma numa cruz, assaltado de todos os lados pelo fantasma da ilegalidade. Muitos foram os episódios, os acontecimentos, as horas terríveis ou de glória que se verificaram nesse Museu, quando nêle ainda se desenvolvia o processo da evolução de nossa República. Nada, porém, ultrapassa o epílogo com que encerrou sua existência o Presidente Vargas.

1177

Jamais me esquecerei de que estive aqui, em visita ao Catete, a fim de prestar os meus deveres fúnebres de amigo e de Governador de Minas Gerais ao inditoso Presidente Vargas. Não se apagarão da minha memória as manifestações populares diante do corpo de quem se sacrificara para preservar a sua autoridade. Tenho bem presentes as cenas de desespero de homens humildes, da gente anônima, numa demonstração de

1178

reconhecimento diante do fim trágico do antigo Chefe da Nação que soubera lembrar-se, no poder, das massas, até então desamparadas. Aqui, eu mesmo senti momentos de preocupações e amarguras, quando, mal se iniciando a minha administração, e movido, como nunca, por invensível desejo de pacificar o Brasil, tive de enfrentar as primeiras, mas felizmente efêmeras tentativas de rebelião. O fato de o movimento não ter tido senão proporções reduzidas não diminuía em nada o sofrimento que experimentei. Neste Palácio recebi a faixa presidencial, e dêle saí com o meu govêrno para Brasília a fim de inaugurar a nova Capital — a Capital definitiva, de onde não é mais possível voltar a sede do Govêrno, pois voltar seria não apenas cobrir esta nação de ridículo diante do mundo, mas desviá-la de sua viagem histórica. Estou certo de que o repúdio mais firme repelirá qualquer tentativa de abandonar a nova capital, pois que isto equivaleria a uma capitulação oprobriosa. Mas o que aí está — nestas salas e nestes salões — não recorda apenas sofrimentos; recorda também momentos altos e felizes, o que é de essência da contraditória vida das sociedades humanas. Momentos cívicos e vitórias se misturam e se sucedem nos numerosos governos aqui figurados.

1179 Quero congratular-me com a equipe de funcionários que, não medindo esforços nem sacrifícios, trabalhou incansavelmente para que pudéssemos realizar esta solenidade no próprio dia dedicado à Proclamação da República. Como dever de justiça, indispensável se faz ressaltar a atuação, para concretizar esta obra, do Doutor Josué Montello, um daqueles auxiliares mais dedicados que me vêm acompanhando desde a primeira hora e um dos mais lúcidos espíritos dessa geração de brasileiros que tanto elevam a cultura nacional.

1180 É com íntima satisfação que expresso os agradecimentos do Govêrno a todos quantos deram sua contribuição ao valioso acervo aqui exposto.

Este Museu, que declaro inaugurado, há de contar aos que o visitarem e, sobretudo, à infância e à juventude de nossa Pátria, um pouco da luta que homens de tóda natureza travaram em prol dos altos destinos do Brasil. Vultos insignes continuarão presentes aqui — vivificados em nossa lembrança pela gratidão que lhes devemos e iluminados pela glória, a quem já se denominou de sol dos mortos.